ENTRE CORPO E LUGAR: DANÇAR O CHÃO

Angélica Vier Munhoz[1]

O propósito de tal ensaio é pensar num plano de composição que se entrelace por meio do corpo e lugar. E entre eles, o chão. Não um corpo instituído em um lugar, fixado a uma terra, mas um corpo que ao misturar-se com o lugar experimente quase que um contralugar: transitório, liso, menor, não definível. Dançar na pluralidade de veios que se abrem no chão, transitar pelos ínfimos e microfísicos espaços lisos, movimentar-se em meio a relações intransitivas entre corpo e lugar. Tais movimentos são pensados a partir da aproximação com alguns autores, entre eles, Deleuze, Guattari e Foucault. Mover-se, ocupar, experimentar o chão, construir uma paisagem enquanto desejo de transitoriedade entre corpo e lugar.

Palavras-chaves: corpo; lugar; chão.

Tout le geste modifie l'espace

(Jaqueline Robinson)

Trata-se de pensar um plano de composição que se entrelace por meio do corpo e lugar. Não um ou outro. Mas um e outro. Nos seus interstícios. Nos interstícios do chão. O chão como um lugar de força, tal qual se refere Oiticica ao lembrar que na década de 70 o corpo que dança desprendia-se da terra e, a partir disso, afirmar "Pisar a terra de novo" (OITICICA, 1986, p. 99). Não um corpo instituído em um lugar, fixado a uma terra, mas um corpo que ao misturar-se com o lugar experimente quase que um contralugar: transitório, liso, menor, não definível. Movimento um tanto difícil, pois costumeiramente um corpo habita algum lugar, nada neutro, nada branco. Assim nos lembra Foucault (2013, p.19), "vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escadas, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas". Busca-se aqui pensar o chão como esse contralugar, meio entre corpo e lugar, no qual é possível mover-se, dançar, deslocar-se intensivamente.

Este ensaio é escrito junto às investigações realizadas pelo Grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq), vinculado ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Ensino, do Centro Universitário Univates. Em tal pesquisa, busca-se problematizar os movimentos escolarizados e não escolarizados em espaços escolares e não escolares, a partir das relações entre currículo, corpo e educação. Além disso, a problemática do corpo também se faz presente nas discussões e experimentações do projeto de extensão Formação pedagógica e pensamento nômade (Univates), cujas práticas incidem no exercício do pensar, nas linhas e segmentaridades que

[1] Docente do Centro Universitário Univates, doutora em Educação.

produzem os movimentos, a partir da aproximação de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault.

Por um lugar menor

De certo modo, poderíamos iniciar com impressões transitórias entre corpo e lugar, tais quais as impressões de Foucault: "Basta eu acordar que não posso escapar deste lugar, o meu corpo. [...] Ele está aqui, irreparavelmente: não está nunca em outro lugar" (2013, p.7). Passadas algumas páginas, Foucault retoma: "Meu corpo está sempre em outro lugar. Está ligado a todos os outros lugares do mundo, e está num outro lugar que é o além do mundo" (Ibid, p.14).

Entre corpo e lugar reside uma provisoriedade. O lugar pode ser uma arquitetura, um espaço virtualmente pleno de estruturas e matérias, de vozes, movimentos, formas de presença. Mas também um habitáculo onde o corpo pode se encontrar, mais ou menos. A relação corpo e lugar do qual trata esse artigo é de minoração. Como afirma Fabbri, "Inverter a relação com o lugar, não para marcar o espaço para a construção, mas construir para subtraí-lo" (2007, p. 201). Assim, quer-se passar de um lugar constituído por muitos planos ou volumes para um movimento pensado sob um plano menor. Um contralugar ou aquilo que Foucault vai chamar de contraespaço "lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los" (2013, p. 20).

O princípio dessa redução poderia parecer quase que um movimento oulipiano: inventar formas que não se pode inventar no espaço ordinário do movimento, reduzir o movimento a um plano privilegiado e se confrontar com o plano da representação.

No entanto, um lugar nunca torna-se vazio de toda a inscrição, de todo o traço, tal qual nos lembra Deleuze (2007), quando afirma que o pintor nunca trabalha sobre uma superfície em branco. Desse modo, inicialmente, toma-se o lugar para desfigurá-lo, submetê-lo a uma arte do esquecimento e só então povoá-lo com novos sentidos que emergem dos movimentos produzidos entre corpo e lugar.

Experimentar o chão

Entre corpo e lugar, o chão. Tal espaço esconde infinitos abismos, armadilhas para o corpo que não se enquadra ao movimento que o território impõe. Estriado, o chão garante ao corpo o seu enquadramento. Mas o chão pode ter a potência e a lisura de um deserto. Deleuze (1995), nos lembra que há sempre uma multidão de intensidades ocupando o espaço desértico. "O que ocupa o espaço liso são as intensidades, os ventos, os ruídos, as forças e as qualidades tácteis e sonoras, como no deserto, na estepe ou no gelo" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 185).

É nesse chão liso que nos propomos a pensar o corpo enquanto gesto dançante. Valéry (1957) vai nos lembrar que a condição primeira para a dança acontecer é um chão liso, terraplanado. É a lisura que permite que o movimento possa efetivamente deslizar, contrair, retrair, recusar-se a ocupar todo o espaço, condensar os gestos que se deslocam no próprio trajeto.

Mas apesar de todos os alisamentos, o chão está cheio de cicatrizes pelas quais é possível escorregar, tropeçar. É nesse sentido que Deleuze e Guattari (1997, p. 180) nos alertam que "os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso". Desse modo, a maneira como vivemos e nos relacionamos com o espaço - nomadicamente ou sedentariamente – são as formas com que também o produzirmos. "Questão de postura, portanto: habitar o espaço nomadicamente, e não de forma sedentária; lutar para fazer *deste* lugar, outro; operar por desarticulações sucessivas, e não por abandono". (COSTA; MUNHOZ, 2015, p.3).

Nesse meio, busca-se pensar um corpo que ao dançar, reinscreve-se no chão, por via do chão, numa nova ética do lugar, um novo pisar que não recalque e terraplane o terreno, mas que deixe o chão galgar o corpo, determinar seus gestos, reinventar seus movimentos (LEPECKY, 2012).

Tal corpo na relação com o chão efetua um modo particular de movimento, de modo que o gesto seja propriamente singular, mesmo que o singular ressurja no coletivo. É nesse sentido que Lepecky (2012) nos mostra que não se trata de uma experimentação meramente espacial, mas também política, referindo-se ao conceito de "política do chão" de Paul Carter (1996)[2]:

> Para Carter, a política do chão não é mais do que isto: um atentar agudo às particularidades físicas de todos os elementos de uma situação, sabendo que essas particularidades se coformatam num plano de composição entre corpo e chão. (LEPECKY, 2012, p.47)

Como o corpo poderia encontrar-se em uma política do chão, afirmando uma vida alegre e menos reprodutora ou espetacular? Como o corpo é capaz de dançar em um plano de composição no qual corpo e lugar se entrecruzam, sobrepõem-se, misturam-se?

> O estado de espírito de um homem dançando não é o mesmo do de um homem que progride por um terreno difícil no qual ele está fazendo ou um levantamento topográfico ou uma pesquisa geológica. (VALÉRY, 1957, p. 1323)

[2] CARTER, Paul. *The Lie of the Land* . London: Faber & Faber, 1996

Assim, dançar na pluralidade de veios que se abrem no chão, transitar pelos ínfimos e microfísicos espaços lisos, movimentar-se em meio a relações intransitivas entre corpo e lugar configuram-se em um gesto mínimo de resistência à ordem das coisas, o que nos mostra que ainda há muito a ser vivido, muito a ser dançado.

Referências

COSTA, Cristiano B. da; MUNHOZ, Angélica V. Liberdade em movimento: extratos para a construção do corpo em um ensino à deriva. *Revista contemporânea de educação*. N. 19, V.10, jan./ago/2015 (no prelo)

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: Lógica da sensação*. Tradução Roberto Machado (org). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol.5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995

FABBRI, Véronique. *Danse et philosophie*. Paris: L'Harmattan, 2007

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução Selma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013

LEPECKY, André. *Coreopolítica e coreopolícia*. Florianópolis: Ilha, v.13, n.1, p.41 – 60, jan/jun, 2012

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986

VALÉRY, Paul. Poésie et pensée abstraite. *Ouvres*. Tome 1, Paris: Gallimard, Bibliothéque de la Pléiade, 1957